

## **“ULISSES” E SUAS TRADUÇÕES: UM ESTUDO DE AVALIAÇÃO COMPARADA**

**Aluno: Débora Landsberg**  
**Orientador: Paulo Henriques Britto**

### **Introdução**

Foi feito um estudo comparativo entre trechos do “Ulisses”, de James Joyce, e as duas traduções da obra já publicadas no Brasil: a de Antônio Houaiss e a de Bernardina Pinheiro. Tomou-se como hipótese de trabalho o comentário veiculado pela imprensa cultural quando da publicação da versão de Pinheiro, no sentido de que a tradução de Houaiss seria mais fiel ao original, reproduzindo em português muitas de suas inovações formais, enquanto a de Bernardina se proporia a facilitar a leitura de um dos romances mais reconhecidamente complexos da literatura ocidental.

### **Objetivos**

Esse estudo se propõe a avaliar ambas as traduções de “Ulisses” em termos de fidelidade ao original. As estratégias utilizadas pelos tradutores foram analisadas criticamente, tendo como parâmetros algumas polaridades textuais relevantes, tais como registro elevado / registro coloquial, vocabulário rebuscado / vocabulário cotidiano, entre outras.

### **Metodologia**

A primeira etapa da pesquisa foi constituída pelo levantamento de fontes acerca de James Joyce e “Ulisses”. Em seguida, foram escolhidas passagens representativas de “Ulisses” para a análise comparativa. A escolha foi baseada nos diversos tipos de dificuldades apresentados pelo texto de Joyce. Assim, os pontos fracos e fortes das duas traduções puderam ser avaliados considerando-se tanto a proposta de cada tradutor como o aspecto da fidelidade ao original. Primeiro as traduções foram comparadas ao texto original, seguindo-se alguns critérios de avaliação das escolhas feitas pelos tradutores, tais como: adaptação, precisão, erro, omissão, registro e pontuação. A categoria “erro” foi usada com cautela, apenas nos casos em que parecia claro que o tradutor fez uma leitura equivocada do sentido do texto inglês.

Na segunda fase do estudo, as traduções foram comparadas entre si. Foram considerados os níveis fonológico, sintático, semântico e lexical.

### **Conclusões**

No trecho retirado do capítulo 6, James Joyce alterna passagens de discurso direto, narrativa e a técnica chamada de “fluxo de consciência” ou “monólogo interior”. Neste ponto, Houaiss incorre em dois erros de interpretação inequívocos, seis imprecisões, três omissões, duas mudanças de registro, duas adaptações (uma por inexistir tradução corresponde em português e outra em que adota o padrão de colocar palavras em latim em itálico, embora não estejam assim em inglês). O tradutor altera a pontuação do original duas vezes.

Nesse mesmo trecho, Bernardina Pinheiro altera a pontuação quatro vezes, comete quatro imprecisões, uma omissão (de uma ressonância presente no original e que talvez fosse difícil de reproduzir em português) e três erros de interpretação. Também faz duas adaptações no texto, obviamente com o intuito de facilitar a leitura da obra.

No capítulo 14, James Joyce faz um pastiche da literatura e da linguagem inglesas de várias épocas. No primeiro trecho selecionado deste capítulo, Bernardina Pinheiro peca ao não tentar reproduzir a complexidade do texto, tudo indica que com o intuito de facilitar a leitura da obra. A tradutora chega a desvirtuar as características dessa parte. Em um trecho que no original é repleto de arcaísmos, tanto sintáticos como lexicais, ela utiliza-se de apenas um pequeno número de estruturas e vocábulos portugueses levemente arcaizantes. A tradução de Houaiss tem mais êxito nessa passagem, pois além da estrutura sintática ser arcaica, ele também usa muitas palavras antigas.

Na outra passagem escolhida do capítulo 14, Joyce usa uma linguagem coloquial e por vezes até chula, com muitas gírias e expressões obscuras. O trecho também é repleto de trocadilhos e de onomatopéias. Bernardina pasteuriza a tradução, pois mantém um padrão normal de linguagem e limita-se a inserir algumas expressões coloquiais. Os trocadilhos geralmente são deixados de lado, e as junções de palavras são traduzidas com hífen inexistentes no original. Já Houaiss opta por reproduzir um padrão oral de linguagem, baixando bastante o registro. Portanto, neste capítulo Houaiss é bem mais fiel ao original que Bernardina Pinheiro. Ele consegue passar ao leitor da tradução as idéias e as brincadeiras lingüísticas contidas no capítulo, enquanto Bernardina opta por ignorar as características do texto no intuito de facilitar o entendimento do enredo pelo leitor.

O capítulo 18 é o famoso “monólogo interior” de Molly. Não há vírgulas ou qualquer outra pontuação. Ambos os tradutores preservaram esta característica, imprescindível para o trecho. Tanto a tradução de Houaiss como a de Bernardina contêm oito imprecisões. Houaiss omite duas palavras do original, sendo que uma é um “sim”, vocábulo que pontua todo esse trecho e encerra a obra. O tradutor inclusive toma a decisão, muito criticada na época, de fechar o capítulo com um “Sims”, quando o original não dá qualquer sinal de que ele deve usar a palavra no plural, apenas para manter a característica do romance original de se iniciar e terminar com a letra S. Além desse, Houaiss teve mais três erros de interpretação. Bernardina comete três erros, nenhum extremamente grave. Bernardina fez adaptações em dois lugares, ambas claramente para facilitar a leitura; já Houaiss fez três adaptações.

Portanto, embora o número de erros graves e leves cometidos pelos tradutores tenha sido razoavelmente equilibrado, a tradução de Bernardina Pinheiro por vezes é uma desvirtuação da obra original, evidenciando que, para tornar a obra palatável para os leitores, a tradutora não hesitou em sacrificar o aspecto principal do livro de James Joyce: a linguagem (em vez do enredo, como é de praxe na literatura). Antônio Houaiss demonstra uma maior preocupação com a reprodução do complexo estilo de Joyce, e nos trechos mais difíceis se sai melhor que Bernardina.

## Referências

- 1 - JOYCE, James. **Ulysses**. Nova York: Modern Library, 1961.
- 2 – JOYCE, James. **Ulisses**. Tradução de Bernardina Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- 3 – JOYCE, James. **Ulisses**. Tradução de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- 4 – GILBERT, Stuart. **James Joyce’s Ulysses – A Study**. Nova York: Vintage Books Edition, 1955.
- 5 – CAMPOS, Augusto e Haroldo de. **Panorama do Finnegans Wake**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.